



BALANÇO 2018

Câmbio

Após encerrar 2017 próxima a R\$ 3,30/US\$, a cotação do dólar passou a subir em 2018, chegando perto de R\$ 3,80 ao final do 1º semestre - em boa medida como reflexo do movimento global de fortalecimento do dólar norte-americano. A depreciação da moeda brasileira se intensificou a partir do 3º trimestre, e no período mais tenso da corrida eleitoral o dólar ultrapassou R\$ 4,00. Superada a tensão eleitoral, o dólar tende a oscilar em torno de R\$ 3,70.

Inflação

A depreciação cambial verificada ao longo de 2018 - em conjunto com pressões de custos de energia elétrica e de combustíveis - contribuiu para que o IPCA acelerasse de 3% em 2017 para perto de 4% em 2018. O Grupo de Alimentação e Bebidas, que até maio apresentava deflação, teve seus preços elevados no 2º semestre em função da greve dos caminhoneiros e do tabelamento dos fretes. A elevada ociosidade da economia e a alta taxa de desemprego seguiram restringindo o repasse de custos para os demais preços da economia.



A desvalorização do Real no 3º trimestre contribuiu para impulsionar as vendas externas

Aumento das exportações em 15,7% quando comparado ao mesmo período de 2017

Greve dos caminhoneiros e tabelamento de frete impulsionaram a inflação a partir do segundo semestre



A desvalorização do Real e a guerra tarifária entre EUA e China ampliaram as exportações do agronegócio no 3º trimestre de 2018



Animais Vivos
95,6%



Cereais
84,6%



Cacau
54,5%

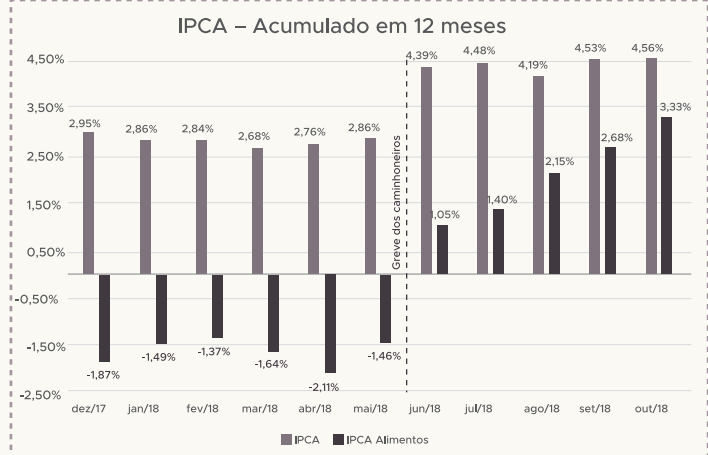


Soja
44,4%



Prod. Apícolas
32,9%

Frente ao mesmo período de 2017, em US\$



A Selic alcançou patamares historicamente baixos (6,50% ao ano), favorecendo a redução da taxa de juros do Plano Agrícola e Pecuário 2018/2019



PERSPECTIVAS 2019

Real menos volátil em 2019

Com a priorização da agenda econômica, o novo governo pode avançar de forma tempestiva com os ajustes fiscais - destaque para a reforma previdenciária. Com isso, fortalecerá a confiança privada e pavimentará o terreno para uma retomada mais consistente do crescimento econômico, num contexto em que persistem condições propícias à preservação de uma política monetária largamente estimulativa. Caso o novo governo consiga avançar com os ajustes econômicos necessários, encontrará terreno fértil para a retomada do crescimento - amparada em condições monetárias favoráveis. Fatores internacionais, como a guerra comercial e a normalização monetária em economias centrais, poderão influenciar as cotações do câmbio.

Inflação dentro da meta, mas com um olho na movimentação do câmbio

A inflação deverá seguir comportada e dentro da meta fixada pelo Banco Central (BC) para 2019 (4,25%).

A ociosidade elevada da economia permite que uma aceleração da atividade econômica não produza pressões inflacionárias. O BC deverá manter a taxa Selic inalterada por mais algum tempo.

Entretanto, uma nova rodada de depreciação cambial tenderia a gerar uma piora nas expectativas da inflação para 2019, demandando um aumento da taxa básica dos juros pelo BC para manter a inflação alinhada ao centro da meta. O que por sua vez, tornaria a retomada do crescimento mais lenta.



Mercados esperam avanço das reformas

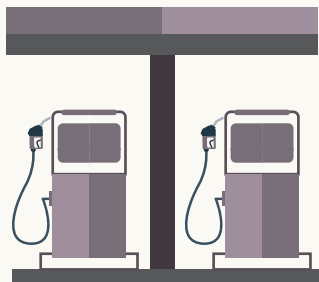


Cenário externo poderá afetar negativamente o câmbio

Caso as reformas avancem no Congresso Nacional, o Real tende a se valorizar, ocasionando pressão sobre as margens dos exportadores, tornando a gestão de custos ferramenta imprescindível na safra 2018/2019



Subsídio ao diesel deverá ser primeiro desafio do novo governo



O tabelamento dos fretes deverá aumentar os preços dos alimentos



Ociosidade segue elevada e permite crescimento com inflação em torno da meta em 2019



A estabilidade da economia deve gerar melhores condições de acesso ao crédito destinado aos produtores rurais

